

# *Ciência em Foco*

VOLUME V

**BRUNO RODRIGUES DE OLIVEIRA  
ALAN MARIO ZUFFO  
JORGE GONZÁLEZ AGUILERA  
ARIS VERDECIA PEÑA  
ROSALINA EUFRAUSINO L. ZUFFO**

ORGANIZADORES



Pantanal Editora

2021

**Bruno Rodrigues de Oliveira**  
**Alan Mario Zuffo**  
**Jorge González Aguilera**  
**Aris Verdecia Peña**  
**Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo**  
Organizadores

**Ciência em Foco**  
**Volume V**



Pantanal Editora

2021

Copyright© Pantanal Editora

**Editor Chefe:** Prof. Dr. Alan Mario Zuffo

**Editores Executivos:** Prof. Dr. Jorge González Aguilera e Prof. Dr. Bruno Rodrigues de Oliveira

**Diagramação:** A editora. **Diagramação e Arte:** A editora. **Imagens de capa e contracapa:** Canva.com. **Revisão:** O(s) autor(es), organizador(es) e a editora.

### Conselho Editorial

Grau acadêmico e Nome	Instituição
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	OAB/PB
Profa. Msc. Adriana Flávia Neu	Mun. Faxinal Soturno e Tupanciretã
Profa. Dra. Albys Ferrer Dubois	UO (Cuba)
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior	IF SUDESTE MG
Profa. Msc. Aris Verdecia Peña	Facultad de Medicina (Cuba)
Profa. Arisleidis Chapman Verdecia	ISCM (Cuba)
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva	UFESSPA
Prof. Dr. Bruno Gomes de Araújo	UEA
Prof. Dr. Caio Cesar Enside de Abreu	UNEMAT
Prof. Dr. Carlos Nick	UFV
Prof. Dr. Claudio Silveira Maia	AJES
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos	UFGD
Prof. Dr. Cristiano Pereira da Silva	UEMS
Profa. Ma. Dayse Rodrigues dos Santos	IFPA
Prof. Msc. David Chacon Alvarez	UNICENTRO
Prof. Dr. Denis Silva Nogueira	IFMT
Profa. Dra. Denise Silva Nogueira	UFMG
Profa. Dra. Dennyura Oliveira Galvão	URCA
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves	ISEPAM-FAETEC
Prof. Me. Ernane Rosa Martins	IFG
Prof. Dr. Fábio Steiner	UEMS
Prof. Dr. Fabiano dos Santos Souza	UFF
Prof. Dr. Gabriel Andres Tafur Gomez	(Colômbia)
Prof. Dr. Hebert Hernán Soto Gonzáles	UNAM (Peru)
Prof. Dr. Hudson do Vale de Oliveira	IFRR
Prof. Msc. Javier Revilla Armesto	UCG (México)
Prof. Msc. João Camilo Sevilla	Mun. Rio de Janeiro
Prof. Dr. José Luis Soto Gonzales	UNMSM (Peru)
Prof. Dr. Julio Cezar Uzinski	UFMT
Prof. Msc. Lucas R. Oliveira	Mun. de Chap. do Sul
Profa. Dra. Keyla Christina Almeida Portela	IFPR
Prof. Dr. Leandris ArgenteL-Martínez	Tec-NM (México)
Profa. Msc. Lidiene Jaqueline de Souza Costa Marchesan	Consultório em Santa Maria
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann	UFJF
Prof. Msc. Marcos Pisarski Júnior	UEG
Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos	FAQ
Prof. Dr. Mario Rodrigo Esparza Mantilla	UNAM (Peru)
Profa. Msc. Mary Jose Almeida Pereira	SEDUC/PA
Profa. Msc. Núbia Flávia Oliveira Mendes	IFB
Profa. Msc. Nila Luciana Vilhena Madureira	IFPA
Profa. Dra. Patrícia Maurer	UNIPAMPA
Profa. Msc. Queila Pahim da Silva	IFB
Prof. Dr. Rafael Chapman Auty	UO (Cuba)
Prof. Dr. Rafael Felipe Ratke	UFMS
Prof. Dr. Raphael Reis da Silva	UFPI
Prof. Dr. Ricardo Alves de Araújo	UEMA
Profa. Dra. Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos	IFB
Prof. Dr. Wéverson Lima Fonseca	UFPI
Prof. Msc. Wesclen Vilar Nogueira	FURG
Profa. Dra. Yilan Fung Boix	UO (Cuba)
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme	UFT

Conselho Técnico Científico

- Esp. Joacir Mário Zuffo Júnior
- Esp. Maurício Amormino Júnior
- Esp. Tayronne de Almeida Rodrigues
- Lda. Rosalina Eufrausino Lustosa Zuffo

Ficha Catalográfica

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)</b> <b>(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
C569	Ciência em foco [livro eletrônico] : volume V / Organizadores Bruno Rodrigues de Oliveira... [et al.]. – Nova Xavantina, MT: Pantanal, 2021. 262p.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-88319-95-6 DOI <a href="https://doi.org/10.46420/9786588319956">https://doi.org/10.46420/9786588319956</a>  1. Ciência – Pesquisa – Brasil. 2. Pesquisa científica. I. Oliveira, Bruno Rodrigues de. II. Zuffo, Alan Mario. III. Aguilera, Jorge González. IV. Peña, Aris Verdecia. V. Zuffo, Rosalina Eufrausino Lustosa.  CDD 001.42
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	



Nossos e-books são de acesso público e gratuito e seu download e compartilhamento são permitidos, mas solicitamos que sejam dados os devidos créditos à Pantanal Editora e também aos organizadores e autores. Entretanto, não é permitida a utilização dos e-books para fins comerciais, exceto com autorização expressa dos autores com a concordância da Pantanal Editora.

**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000.  
Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil.  
Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp).  
<https://www.editorapantanal.com.br>  
[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)

## **APRESENTAÇÃO**

A atividade científica tornou-se indispensável para a sociedade moderna. Os avanços nas mais diversas áreas das ciências têm vislumbrado a muitos, pois muitas das idealizações dignas da ficção científica hoje são realidades em nosso cotidiano. Todo o conhecimento produzido pela ciência e as técnicas dela derivadas têm contribuído para a evolução da sociedade em vários aspectos. Mesmo diante de todos esses evidentes benefícios para a humanidade, a crise sanitária que enfrentamos, que é decorrente da pandemia da COVID-19, colocou em xeque a credibilidade que a ciência, bem como os cientistas, possui perante alguns grupos sociais.

Nos últimos anos temos presenciado, com muito fervor, vários movimentos anti-vacinas e outros que advogam a utilização de tratamentos medicamentosos sem comprovada eficácia científica. Resultados de vários estudos têm sido deturpados a fim de embasarem certas narrativas, evidenciando uma ironia, pois tais indivíduos se utilizam de uma “ciência” forjada sem o método científico, com o propósito de apoiar suas crenças e questionam os resultados obtidos utilizando métodos científicos comprovados.

Pelas circunstâncias apresentadas, entendemos que a divulgação científica nunca foi tão necessária em nossa sociedade como é nos dias atuais. A Pantanal Editora tem a missão de apoiar esta divulgação, proporcionando aos cientistas, pesquisadores e investigadores um canal para promoção do conhecimento científico por eles produzidos. Já estamos no Volume V da Coletânea de e-books denominada de “Ciência em Foco”. Essas coletâneas tem como objetivo a divulgação de pesquisas em quaisquer áreas do conhecimento.

Na presente coletânea vários tópicos são abordados nas mais diversas vertentes, desde pesquisas na área da educação, passando pela psicologia, literatura, farmacêutica, biologia e ciências agrárias, até aplicações avançadas nas áreas de engenharias. Esperamos poder contribuir com o arcabouço científico promovendo uma ciência de qualidade, impactante e acessível a todos.

**Os organizadores**

## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	<b>4</b>
<b>Capítulo I</b> .....	<b>7</b>
Discussão/reflexão acerca da experiência de elaboração/aplicação de um plano de ensino de matemática pelos alunos do CEAD UFOP.....	7
<b>Capítulo II</b> .....	<b>19</b>
Componentes produtivos do milho são influenciados pela irrigação e doses de potássio .....	19
<b>Capítulo III</b> .....	<b>30</b>
O trabalho docente e formação de novos profissionais: reflexões críticas e coletivas no ensino superior .....	30
<b>Capítulo IV</b> .....	<b>35</b>
Riscos ambientais na indústria do petróleo: métodos, técnicas e índices de gerenciamento .....	35
<b>Capítulo V</b> .....	<b>46</b>
Modelagem de um manipulador paralelo flexível 3RRR com validação experimental .....	46
<b>Capítulo VI</b> .....	<b>52</b>
As tecnologias como ferramenta aplicada na educação em tempos de pandemia de corona vírus.....	52
<b>Capítulo VII</b> .....	<b>62</b>
Publicação de Artigos Científicos do Curso de Secretariado Executivo (UFRR) entre 2010 e 2020 ..	62
<b>Capítulo VIII</b> .....	<b>75</b>
Mineração e suas emissões atmosféricas .....	75
<b>Capítulo IX</b> .....	<b>82</b>
Estudantes que praticam atividade física podem apresentar melhores estratégias de adaptação .....	82
<b>Capítulo X</b> .....	<b>92</b>
Cultura do sisal e biohidrogel: Uma revisão .....	92
<b>Capítulo XI</b> .....	<b>110</b>
Germinação e vigor de sementes de tomate sadias e envelhecidas artificialmente tratadas com <i>Calcareo fluorica</i> .....	110
<b>Capítulo XII</b> .....	<b>125</b>
Nanomateriais aplicados em energias renováveis: maior eficiência e viabilidade .....	125
<b>Capítulo XIII</b> .....	<b>130</b>
Análise da Inserção das Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde do Estado do Pará, BRASIL.....	130
<b>Capítulo XIV</b> .....	<b>142</b>
Criatividade e o uso da tecnologia digital no ensino da matemática no nível superior.....	142
<b>Capítulo XV</b> .....	<b>155</b>
A espécie invasora <i>Corbicula fluminea</i> (Müller, 1774) (Mollusca, Bivalvia, Cyrenidae) nas bacias hidrográficas brasileiras e seus registros de ocorrência no estado de São Paulo.....	155

<b>Capítulo XVI</b> .....	<b>170</b>
Model reduction of a 3RRR flexible parallel manipulator with experimental validation .....	170
<b>Capítulo XVII</b> .....	<b>182</b>
Alternativas terapêuticas na multirresistência bacteriana: uma revisão integrativa .....	182
<b>Capítulo XVIII</b> .....	<b>196</b>
Resistência bacteriana e seus mecanismos: uma revisão integrativa da literatura.....	196
<b>Capítulo XIX</b> .....	<b>209</b>
A loucura como expressão literária na perspectiva de Michel Foucault no período do renascimento XV a XVII: o Dom Quixote por si mesmo a não-razão na linguagem literária .....	209
<b>Capítulo XX</b> .....	<b>220</b>
Problematizações sobre o corpo político em narrativas literárias que tematizam a ditadura militar brasileira .....	220
<b>Capítulo XXI</b> .....	<b>229</b>
Remoção de Linha de Base do Eletrocardiograma utilizando uma descrição no Espaço de Estados .....	229
<b>Capítulo XXII</b> .....	<b>242</b>
COVID-19 e as considerações pedagógicas da teoria histórico-cultural: construindo uma realidade .....	242
<b>Capítulo XXIII</b> .....	<b>252</b>
Atenção farmacêutica no tratamento do HIV.....	252
<b>Índice Remissivo</b> .....	<b>259</b>
<b>Sobre os organizadores</b> .....	<b>261</b>

# A loucura como expressão literária na perspectiva de Michel Foucault no período do renascimento XV a XVII: o Dom Quixote por si mesmo a não-razão na linguagem literária

Recebido em: 20/08/2021

Aceito em: 24/08/2021

 10.46420/9786588319956cap19

Adriano Rodrigues Mansanera <sup>1\*</sup> 

## INTRODUÇÃO

Segundo Foucault a loucura se manifestaria por si mesma via linguagem literária por meio da arte, poesia ou literatura em autores trágicos, como Miguel de Cervantes, Goya, Nietzsche, Van Gogh, Nerval, Hölderlin<sup>2</sup>, Artaud, entre outros, num momento em que a loucura tinha sido excluída socialmente e objetivada teoricamente pelo saber racional. Essa relação entre loucura e linguagem literária foi apresentada por Michel Foucault em três momentos históricos, a saber, no Renascimento, na época Clássica e Moderna.

Na época da Renascença período de nossa análise, a loucura fascinava por ser um saber trágico<sup>3</sup> que estava no início, ainda em formação, se organizando. A “*Naus dos Loucos*” era para Foucault (1978), nesse contexto do Renascimento, uma “paisagem de delícias”, onde o desejo era potencializado ao

<sup>1</sup> Psicólogo e Professor da UFPR do Curso de Computação, Ciências Exatas e Engenharias – Campus Jandaia do Sul – Mestre em Educação – UEM e doutor em filosofia pela UFSC.

\* Autor correspondente: mansanera@gmail.com; adrianomansanera@ufpr.br

1 “Friedrich Hölderlin (1770-1843) - Nasce a 20 de Março de 1770 em Lauffen, junto ao rio Neckar e falece a 7 de Junho de 1843 em Tübingen. Durante todo o século XIX ficou praticamente esquecido. Friedrich Nietzsche, porém, tem por ele uma grande admiração. Chama-o o seu “*liebling Dichter*.” É já em pleno século XX que a sua poesia é redescoberta e valorizada. Hoje, Hölderlin é considerado um dos maiores poetas líricos da poesia alemã e universal. A sua obra tem na literatura alemã do fim do século XVIII princípios do XIX uma posição autónoma ao lado do Romantismo e do Classicismo de Weimar (Goethe, Schiller), então em voga. Em 1807, Hölderlin enlouquece para sempre. Nos próximos 36 anos, até à data da sua morte, a 7 de Junho de 1843, Hölderlin vai ficar entregue aos cuidados de um dos seus grandes admiradores (e sua esposa), o carpinteiro Ernst Zimmers.” Disponível: < (<http://triplov.com/poesia/Holderlin/Cinco-poemas/index.htm>)> - Acesso: 14/09/2014.

1 Concordamos com VON ZUBEN que: “Não há, portanto, em *História da loucura* uma discussão e uma análise em pormenor sobre os aspectos propriamente linguísticos e ontológicos implicados com a experiência trágica da loucura realizada a partir da literatura citada, tanto que essas referências estão presentes na obra ora como uma introdução, ora como conclusão aos

2 Concordamos com VON ZUBEN que: “Não há, portanto, em *História da loucura* uma discussão e uma análise em pormenor sobre os aspectos propriamente linguísticos e ontológicos implicados com a experiência trágica da loucura realizada a partir da literatura citada, tanto que essas referências estão presentes na obra ora como uma introdução, ora como conclusão aos capítulos em que Foucault propriamente trata da experiência clássica ou do nascimento da experiência moderna da loucura. (Von Zuben, 2010).

máximo numa espécie de quase paraíso, sem sofrimento. Nesse contexto, o Dom Quixote personagem do livro de Cervantes que vamos analisar fascinava os homens, assim como a loucura, mas não era em seu comportamento que se revelava a verdade sobre a loucura, pois existia nesse fascínio uma espécie de segredo de si mesma, que não permitia ter acesso ao saber sobre a loucura, uma vez que o homem não existia ainda enquanto reflexão do saber. E por não ter acesso a verdade desse saber, dava a loucura um lugar de destaque na época romanesca: “Privilégio absoluto da loucura: ela reina sobre tudo o que há de mau no homem. Mas não reina também, indiretamente, sobre todo o bem que ele possa fazer?” (Foucault 1978).

O autor mostra nessa experiência histórica da loucura, refletindo sobre Dom Quixote como uma abertura ou início de uma caminhada para um saber, que possibilitou ao “Outro” com sua loucura através do “Mesmo” com seus saberes via linguagem literária, uma identidade nas suas diferenças ser ele mesmo no mundo da não-razão.

Como exemplo para entender essas ideias do “Outro” com sua loucura, serão utilizadas algumas reflexões sobre o personagem de Dom Quixote do escritor Cervantes, com algumas diferenças assim como Foucault utilizou no seu livro *“As Palavras e as Coisas”*. A originalidade de Foucault mesmo este deixando claro que utilizando o campo da literatura com Dom Quixote estaria somente explicando como funcionaria em termos práticos sua metodologia arqueológica.

No dizer de Foucault (1978) e refletindo sobre o lado bom da loucura a não-razão no homem. Temos claro que: “Ela se insinua nele, ou melhor, é ela um sutil relacionamento que o homem mantém consigo mesmo.” (IBIDEM, 1978) traçamos nosso objetivo em analisar a loucura como expressão literária, entendida por nós no existir do personagem de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, só existiria porque ele, enquanto homem, permitia a loucura ser demonstrada e vista por si mesma, em suas atitudes e comportamentos, mesmo que para alguns fossem apenas ilusões de Dom Quixote.

Tal estudo se justifica apoiando-se na hipótese de Roberto Machado (2005) é a de que a experiência trágica se torna uma experiência trágica da linguagem literária, indo a uma radicalidade da passagem do limite à linguagem da loucura. O livro da *“História da loucura”* permite ao leitor, via pensamento, no espaço da linguagem literária, entender a passagem do limite da experiência da loucura, que “são experiências de uma linguagem impessoal, que ultrapassa a oposição da interioridade e da exterioridade, do sujeito e do objeto, do eu e do mundo” (Machado, 2005).

No final do livro *“História da loucura”* Foucault diz sobre um certo tipo de linguagem da loucura, mesmo que como erro e ilusão ela é um tipo de experiência limite entre a linguagem do ser e a loucura via literatura: “Aquilo que a loucura diz de si mesma é, para o pensamento e a poesia do começo do século XIX, igualmente aquilo que o sonho diz na desordem de suas imagens: uma verdade do homem” (Foucault 1978).

Para o autor a relação com a loucura seria da escrita literária a poética, ou estética se assim quisermos, onde a obra ou livro abriria um espaço ao limite de nenhuma linguagem, ou seja, a loucura

como ausência da obra ou livro um fora, um vazio a morte com sentido e significado. Foucault não buscava quando falava do ser da linguagem e loucura, uma explicação linguística de uma estrutura patológica. E sim uma transgressão da experiência limite que teria relação com a literatura, ou seja, uma dobra sobre si mesma, que se revelaria no limite de fora.

Enfim, se foi a cultura na sua historicidade que possibilitou, por um momento, no Renascimento, um diálogo inicial entre razão e desrazão e depois na época clássica a separação radical entre razão e desrazão, a linguagem literária a ser escrita ou já escrita consegue romper tal dicotomia, dando lugar à abertura de uma linguagem da loucura. Sobre a loucura e a linguagem: “[...] o diálogo rompido entre elas, e expressando no limite do possível, ou no extremo limite, uma experiência trágica do mundo e do homem” (Machado, 2005).

## **O “SI MESMO” DE DOM QUIXOTE COM SUA LOUCURA - O LIVRO A OBRA LITERÁRIA**

Segundo Carvalho (2007), quando Foucault fala sobre a obra ou livro como espaço de saberes, este não propõe uma unidade escrita ou estilística, mas propõe uma abertura de um espaço novo onde o autor poderia desaparecer e aparecer na obra. Essa reflexão proposta por Michel Foucault permite pensarmos sobre o livro de Cervantes, a saber, *“Dom Quixote de La Mancha”*, que tem 678 páginas e se divide em duas partes, a primeira com 341 páginas e o restante de páginas para a segunda parte.

A história de Dom Quixote poderia ser resumida da seguinte forma: um fidalgo, o senhor Alonso Quijano, que morava num povoado La Mancha, na Espanha, por volta do século XV, depois de ler muitos livros de cavalaria perdera o juízo e ficara louco pensando ser um cavaleiro andante, “[...] do pouco dormir do muito ler, se lhe secou o cérebro, de maneira que chegou a perder o juízo.” (Cervantes, 2003).

[...] fazer-se cavaleiro andante, e ir-se por todo o mundo com suas armas e cavalo, à cata de aventuras, e exercitar-se em tudo que tinha lido se exercitavam da andante cavalaria, desfazendo todo o gênero de agravos, e pondo-se em ocasiões e perigos, donde, levando os a cabo, cobrasse perpétua nome fama (Cervantes, 2003).

Dom Quixote, posto seus objetivos para suas aventuras, arrumou um cavalo, o rocinante, uma armadura, uma amada, Dulcinéia Del Tombozo, uma moça de sua vila chamada, na realidade, Aldonça Lourenço. Por último, convidou um vizinho lavrador Sancho Pança e seu burrico velho para ser seu escudeiro nas aventuras pelo mundo. Tal escudeiro, Sancho Pança, era um fiel amigo que durante a história cobra Dom Quixote de recuperar o juízo perfeito, e o mesmo lhe respondia “[...] cada um é filho das suas obras” (Cervantes, 2003).

### ***O Dom Quixote no período do renascimento: onde a razão não pode dominar***

Foucault (1978) levanta dúvidas sobre a “experiência trágica” na Renascença: se esta fosse tão útil à loucura, porque sumiu de forma rápida na idade clássica, no final do século XVII? Afirma o autor, citando o poeta Arlaud, que desapareceu devido a seu caráter natural, que diminuía o homem. O filósofo francês, em sua obra *“As Palavras e as coisas”* editada em 1966, diz existir, a respeito de Dom Quixote, uma nova relação de linguagem entre loucura e literatura. Dom Quixote revelaria a loucura na sua essência, mas não ao modo de velhas relações de semelhanças e signos do passado. O próprio Dom Quixote era, para Foucault (2000), um ser inteiro de linguagem e signos, ou seja, “Seu ser inteiro é só linguagem, texto, folhas impressas, história já transcrita. É feito de palavras entrecruzadas; é escrita errante no mundo em meio à semelhança das coisas” (Foucault 2000).

Encontra-se no livro de Cervantes diversas aventuras de Dom Quixote, no entanto, serão destacadas aqui apenas algumas. A primeira, mais conhecida, foi a dos moinhos de ventos: “[...] vós ali, amigo Sancho Pança, onde se descobrem trinta ou mais desaforados gigantes, com quem penso fazer batalha, e tirar-lhes a todas as vidas [...]” (Cervantes, 2003). E Sancho responde: “- Quais gigantes? [...] aquilo não são gigantes são moinhos de vento; o que parecem braços não são senão as velas, [...]” (IBIDEM, 2003). Dom Quixote, certo de sua batalha com os gigantes, vai em direção aos moinhos de vento, atirando a lança na vela do moinho e caindo sentado com dores pelo corpo todo. Ao se levantar, disse ao seu escudeiro que o sábio Frestão tinha transformado os gigantes em moinhos para não lhe dar a glória de vencer.

Mais uma de suas aventuras diz respeito a uma venda que o personagem imaginava ser um castelo, no qual dormiu num estábulo sobre uma esteira de junco. Ao acordar pela manhã, o vendeiro queria receber pela estadia. Dom Quixote disse que pela lei da cavalaria não se deveria pagar por uma hospitalidade. Quando percebe que a venda não poderia ser um castelo como imagina, ele diz ter acontecido algum encantamento.

Dom Quixote luta com ovelhas pensando ser gigantes, indo em direção a elas com sua espada, proclamando o nome de sua amada Dulcineia, até que os pastores o derrubam com uma pedra, machucando-o nos dentes. Seu escudeiro fiel diz: “[...] voto a Deus que vai investir são carneiros e ovelhas volta para trás. Mal haja o pai que me gerou. Forte loucura! [...]” (Cervantes, 2003).

Dessas suas aventuras sem sucesso, Dom Quixote ficou conhecido como o “cavaleiro da triste figura”, e Sancho tentava a cada aventura de seu amo fazer-lhe pensar sobre o que estava fazendo. Dom Quixote lhe respondia: “[...] mas quero que saibas que tudo isto que eu faço não são comédias, mas realidades mais reais, porque mais fora contrair às ordens da cavalaria, que nos proíbem toda casta de mentira [...]” (IBIDEM, 2003).

Uma literatura de um romance de cavalaria de Cervantes, que apresentava uma “escrita errante” da loucura, considerando Dom Quixote um “herói de si mesmo”, não fazia deste a priori o louco extravagante ou delirante, pois fazia parte de uma realidade de cavaleiro que o contexto histórico já não

comportava mais. Porém, nessa tentativa de tentar manter-se cavaleiro, num mundo em que não o reconhecia mais nessa função social, como sendo útil na batalha, ele vivia o delírio como real.

O livro é menos sua existência que seu dever. Deve incessantemente consultá-lo, a fim de saber o que fazer e dizer, e quais signos dar a si próprio e aos outros para mostrar que ele é realmente da mesma natureza que o texto donde saiu (Foucault 2000).

A batalha do vinho tinto, mais uma de suas aventuras, deu-se quando Dom Quixote estava numa taverna dormindo e acordou de repente, jurando estar lutando com um gigante e que tinha lhe cortado a cabeça, pois o quarto estava em sua visão repleto de sangue, que na verdade eram odores de vinho tinto que havia quebrado. São tristes aventuras de um homem que por onde passava provocava risos. Seu amigo Sancho buscava, diante das evidências da luta, a cabeça gigante no quarto. “- Esta visto que tudo aqui é encantamento: da outra vez, [...]” (Cervantes, 2003), e Dom Quixote respondeu:

[...] travei com o gigante a mais descomunal e desaforada batalha que penso terei em todos os dias da vida que me restam; e dum révez, zás, lhe cortei a cabeça, e foi tanto sangue que ele deitou que corria sangue [...] que parecia ser água” (Cervantes, 2003).

Sancho pede mais uma vez para que o amigo volte à razão, dizendo que não era um gigante morto e sim um odre de vinho partido e o chama de louco. Dom Quixote pergunta: “- Que é isso que dizes, louco [...] por que, se bem lembra, já outra vez que pousamos [...] na arte de encantamento, e não seria coisa digna de grande reparo que aconteceu mesmo” (Cervantes, 2003).

As loucuras de Dom Quixote tinham a lucidez de um sonhador que acreditava em alguma coisa, mesmo que fosse à lei da cavalaria antiga. No final da primeira parte do livro, este foi preso numa gaiola, disfarçado por seus amigos, Barbeiro e Cura para, segundo eles, protegê-lo de suas loucuras. Nesse retorno forçado a sua terra, encontram um cônego, que faz a seguinte pergunta: por que um cavaleiro estava preso numa gaiola? Daí em diante esse cônego se dispõe a ouvir a vida e as loucuras de Dom Quixote.

O que Foucault (2000) quer mostrar com Dom Quixote, é a “língua do mundo”. Ele terá o testemunho dessa linguagem e deverá ser e viver a verdade que o texto queria narrar como sendo o real, para aquela epopeia cavalheiresca da época.

Dom Quixote deve preencher com realidade os signos sem conteúdo da narrativa. Sua aventura será uma decifração do mundo: um percurso minucioso para recolher em toda a superfície da terra as figuras que mostram que os livros dizem a verdade. (Foucault 2000).

Um diálogo crítico surge no texto de Cervantes sobre o estudo literário das fábulas que descreviam as histórias da cavalaria, isto é, essas histórias continham disparidades que poderiam ser classificadas obras da pura imaginação. Porém, Dom Quixote vive suas histórias, acredita nelas, independente do estilo ser de comédia. Sancho pergunta: “[...], pois é possível que seja Vossa Mercê tão duro de cabeça que não veja que é pura verdade que eu digo, e que nesta prisão e desgraça entra pois a malícia do que encantamento?” (IBIDEM, 2003).

Dom Quixote responde a Sancho que não entendia por que ele estava com tantas preocupações para ele estar livre daquela gaiola que estava preso. Diz com discernimento ao seu amigo Sancho: “- Estou pronto [...] e, quando vires, conjectura de pores por obra a minha liberdade, obedecer-te-ei em todo e por tudo; mas veras, Sancho, como te enganas, no que respeito à minha desgraça.” (Cervantes, 2003). Ou Dom Quixote resiste ao chamado do juízo da razão sendo o fidalgo Alonso Quijano ou luta pela liberdade e sua loucura? E quase todos que ouviam as aventuras do triste cavaleiro riam dela, como se ele “[...] havia de ser louco e desabaram a rir com vontade” (IBIDEM, 2003).

A loucura seria, no meio social, uma espécie de signo sem conteúdo, sem preocupações de preencher uma realidade. Para alguns, o personagem Dom Quixote não passaria de um delirante ou até romântico sonhador, que tem dificuldades em aceitar as mudanças das regras sociais de sua época, que não mais comportava a luta com armadura do cavaleiro. No entanto, acredita-se que ele nos mostra, com suas façanhas, que as suas lutas, mesmo que imaginárias, eram reais para ele, existindo em forma de signos. Ele vivia seu mundo com os signos possíveis e lia o mundo de forma a estar inteiro nele.

Dom Quixote desenha o negativo do mundo do Renascimento; a escrita cessou de ser a prosa do mundo; as semelhanças e os signos romperam sua antiga aliança; as similitudes decepcionam, conduzem à visão e ao delírio; as coisas permanecem obstinadamente na sua identidade irônica: não são mais do que o que são; as palavras erram ao acaso, sem conteúdo, sem semelhança para preenchê-las; não marcam mais as coisas; dormem entre as folhas dos livros, no meio da poeira (Foucault, 2000).

O filósofo francês nos apresenta, de forma interessante, que o negativo no mundo do Renascimento estava presente em contraposição a uma corrente do positivo, que queria classificar, nomear e dar sentido a tudo, inclusive conceituando a loucura. Considerando esse universo positivo, que objetiva nomear e explicar até o que não teria explicação, Dom Quixote poderia ser o louco. Entretanto, Foucault (2000) nos mostra que as palavras nomeadas e escritas sobre a loucura ainda eram vistas de forma geral.

No final da primeira parte fica uma dúvida, a saber, se Dom Quixote teria morrido ou não. Está escrito que ele tinha saído para sua terceira aventura e que nunca mais tinha sido visto. Depois do ocorrido, o que encontraram teria sido apenas um pergaminho dentro de uma caixa de chumbo que continha os dizeres escritos em sua sepultura, na de Sancho e de Dulcinéia e também uma homenagem a seu cavalo rocinante. Esse breve relato encerra-se querendo obter respostas não a respeito da insanidade de Dom Quixote, se esta foi verdadeira ou não, mas ressaltando a emoção de ter lido suas aventuras, o sentimento de sonhar e acreditar em algo próprio da existência humana, e o desejo de ter um amor na vitória ou derrota na batalha da vida. É esse sentimento que se encontra presente nesse autor que se desdobra no presente trabalho que poderá ser considerado uma visibilidade da invisibilidade.

Quanto à segunda parte do livro, momento no qual Dom Quixote encontra-se com o Bacharel Sansão Carrasco, onde o personagem principal do livro questiona o autor que estaria escrevendo sua história, pois segundo ele, as aventuras seriam suas e não desse autor. Um diálogo que vai ao limite

quando Dom Quixote pede para o Bacharel Sansão Carrasco contar a história dele mesmo e de suas façanhas contadas por outro um autor.

Encontra-se nesse diálogo Cervantes (2003), no capítulo III e IV da segunda parte do livro, que leva o leitor a refletir não sobre se o autor da obra estivesse sendo correto ou não em contar a história de Dom Quixote e Sancho Pança, mas sim sobre o fato do próprio personagem da história questionar o autor.

O texto literário de Cervantes, com seu saber trágico, teria uma magia própria que chegava ao sabor da aventura, que talvez não possibilitasse uma linguagem conceitual de um saber sobre a loucura, sendo talvez muito mais uma “[...] dobra sobre si mesmo, se enterra na sua própria narrativa” (Foucault, 2000). Porém, o autor questiona sobre a seguinte questão: existe a possibilidade de, na “própria narrativa” essa “dobra sobre si mesmo” poder ser outra tentativa, como no mundo positivo de um discurso de verdade? Mesmo considerando essa crítica do próprio Foucault num viés de narrativa literária, era um discurso que vinha de dentro de Dom Quixote, ou seja, no interior das palavras, sendo assim, ele assumia sua realidade por inteiro. Eis a originalidade do saber trágico que queremos destacar mais que a crítica, nesse momento do Renascimento:

A verdade de Dom Quixote não está na relação das palavras com o mundo, mas nessa tênue e constante relação que as marcas verbais tecem de si para si mesmas. A ficção frustrada das epopeias tornou-se poder representativo da linguagem. As palavras acabam de se fechar na sua natureza de signos (Foucault, 2000).

Na parte final da parte II do livro tem-se a morte de “Dom Quixote” no seu leito se rendendo em hipótese a razão, por estar morrendo. E “[...] depois de recebidos todos os sacramentos, e ter arrenegado, com muitas e eficazes razões, dos livros de cavalaria” (Cervantes, 2003). Mesmo ele falando, “[...] o que foi já não é: fui louco e estou hoje em meu juízo; fui Dom Quixote de La Mancha, e sou agora Alonso Quijano, o bem; possam, o meu arrependimento e a minha verdade restituir-me a estima em que Vossa Mercês me tinham [...]” (Cervantes, 2003).

Na transgressão da obra da linguagem, Modenesi (2007) diz que a linguagem ou literatura, mesmo se identificadas com a morte, se lançavam ao abismo, “[...] pois ao chegar ao Limite, diante da Morte que a ameaça e a faz tremer, a linguagem não tem outra alternativa a não ser falar de si mesma ao infinito, visto que não há mais sobre o que falar”. Por isso, segundo Foucault na passagem da época clássica para a Moderna, a linguagem - ou literatura - era um movimento de repetição, para reduplicação a redobramento, tentando escapar da loucura, considerando-a um perigo limite. O redobramento da linguagem ou literatura, seria a possibilidade de se entender ontologicamente, no limite da loucura, na morte dela e fora dela, a sua existência como não-obra de sua ausência de ser.

Não estamos aqui desconsiderando também a crítica de Foucault que diz que essa ficção de Cervantes seria uma das primeiras obras modernas que se tornou um poder representativo da linguagem na narrativa literária de Dom Quixote. No entanto, o presente trabalho não vai por esse caminho de

reflexão. Esta tem como recorte as tênues “marcas verbais” do saber trágico em relação ao que os signos teriam consigo mesmos, onde:

[...] a linguagem rompe seu velho parentesco com as coisas, para entrar nessa soberania solitária donde só reaparecerá, em seu ser absoluto, tornada literatura; pois que aí a semelhança entra numa idade que é, para ela, a da desrazão e da imaginação. (Foucault, 2000).

Não será discutida aqui a questão literária com profundidade, porém, vale ressaltar que o livro de Miguel de Cervantes foi à passagem do que seria a desrazão para a imaginação literária. Durante o Renascimento, existe certa positividade com relação à loucura. No entanto, para Foucault (1978), o louco era excluído também pela linguagem literária, com exceção de Shakespeare e Cervantes, com o romance “*Dom Quixote de La Mancha*”<sup>4</sup>, no qual a loucura ocupava o lugar do vazio do extremo limite que a razão não poderia dominar, apropriando-se somente de sua linguagem, diferentemente da época clássica, em que um diálogo possível entre razão e desrazão foi aniquilado: “Não existe, na época clássica, literatura de loucura, pois não existe possibilidade de a loucura se manifestar como linguagem autônoma, possibilidade de ela expressar a si própria em uma linguagem verdadeira.” (Machado, 2005).

O poeta garante a função inversa; sustenta o papel alegórico; sob a linguagem dos signos e sob o jogo de suas distinções bem determinadas, põe-se à escuta de “outra linguagem”, aquela, sem palavras nem discursos, da semelhança (Foucault, 2000).

O que Foucault (2000) pretende esclarecer é o que com *Dom Quixote* existe uma nova experiência da linguagem, bem diferente das semelhanças das coisas de marcas possíveis e estáveis do século XVI. *Dom Quixote*, nas suas situações limites, mostra que a linguagem da essência da loucura (a história do “Outro”), mesmo no limite do trágico, mesmo marginal e estranha, seria uma possibilidade de resistência contestativa a um saber que vinha de fora (a história dos “Mesmos”), que dizia o que o outro seria ou deveria ser, no caso, o louco.

Duas dobras da transgressão da linguagem ou da literatura são apresentadas na obra de Foucault “*As palavras e as coisas*”, na espessura ontológica do limite da morte. Sobre a primeira dobra, pode-se considerá-la como uma experiência crítica do Renascimento, aonde o personagem *Dom Quixote*, com sua loucura, iria ao encontro da morte, como forma de se proteger de sua finitude fora de si mesmo, na sua exterioridade da razão, nas suas lutas reais ou imaginárias. Essa exterioridade da razão do infinito refletindo o exterior em si mesmo, define o que Foucault denominou “Retórica”, sobre a obra da linguagem até o surgimento da literatura no classicismo.

Na segunda dobra da linguagem, existe a experiência crítica com um saber retórico em elogio a uma literatura que estava a se destacar ao absolutismo dos grandes autores. Essa retórica reflete a obra

---

4 Entre o século XVIII e XIX a passagem da época clássica a época moderna, Foucault através da literatura propõe a experiência limite do ser da linguagem. Nesse caso o aspecto trágico da loucura nas suas reflexões sobre o personagem *Dom Quixote de la Mancha* de Cervantes. Concordamos com Von Zeben (2010) que afirma em sua tese de doutorado que no livro “*História da loucura*” o filósofo francês não chegou a discutir um ser da linguagem da literatura, foi uma experiência ocidental da loucura utilizando-se muito mais do campo estético entre literatura, pintura e loucura.

valorizando o ser da linguagem. O objetivo do autor era criar um repúdio a retórica, que atribuía ao simpático personagem de Dom Quixote contradições e transformações históricas. Para Michel Foucault ter uma retórica de repúdio era ter consciência de que Dom Quixote não era mais um personagem simpático e sonhador da experiência trágica, sendo agora um personagem antipático e transgressor na modernidade.

No Renascimento, apesar de se encontrar pela obra da razão no saber trágico, também o nascimento da obra da loucura na não-razão, Dom Quixote, no momento de sua morte, ao final do livro de Cervantes revela o dilaceramento do vazio, um espaço da linguagem da loucura na sua espessura de dobrar-se sobre si mesma nesse lugar da desrazão. Foucault diz que, nesse momento, é possível considerar outra forma de se pensar a loucura, a saber, na passagem da experiência trágica à experiência crítica literária, filosófica ou moral da loucura. Esse novo momento da experiência crítica da loucura seria diferente da experiência trágica de Dom Quixote, cuja loucura fascinava o mundo e era familiar na época. Nesse momento, a loucura atrai o homem, porém, não o fascina tanto, começando Dom Quixote a ser visto como um erro negativo positivo, dando origem a um jogo de ambiguidade para preparação do momento clássico que iria surgir.

Quem morreu nas próprias palavras de Dom Quixote foi o fidalgo Alonso Quijano e não o cavaleiro da triste figura. No epitáfio de sua sepultura estava escrito:

*Aqui jaz quem teve a sorte De ser tão valente e forte, Que o seu cantor alegou Que a Morte não triunfou De sua vida coa a sua morte. Foi grande sua bravura, Teve todo o mundo em pouco, E na final conjuntura Morreu: vejam que ventura, Com siso vivendo louco! (Cervantes, 2003).*

A obra o livro tem infinitos caminhos de entendimento, sendo eles: a) – O seu escudeiro Sancho Pança seria seu amigo fiel, que representaria de um lado a ignorância e o Dom Quixote a intelectualidade; b) – que Dom Quixote teria sido um louco na ação, mas sensato no pensamento e na fala; c) – o autor do livro Cervantes não seria mais primordial na história, porque nas aventuras Dom Quixote teria que dar conta de seu próprio destino, e por último d) – quem morre no final do livro não seria Dom Quixote e sim o fidalgo Alonso Quijano.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dom Quixote nos mostraria um saber trágico entre o século XVI e XVII feito de organizações, mesmo que descontínua em que a ruptura ou conflito eram aceitos e que primava pela ordem das sequências lineares dos fatos, mas tinham um espaço em suas relações internas “o si mesmo” na desrazão. As façanhas cavalleirescas de Dom Quixote tinham uma função narrativa no livro, eram empíricas e também uma disposição manifestada nos signos em relação a si mesmo, sendo este um herói num tempo que era somente seu.

Poderíamos supor que no Renascimento, nesse abrir-se a si mesmo, Dom Quixote, com esse saber sobre a loucura, estaria na sua origem histórica no local fundante da loucura em si mesma, ela não

teria vergonha de si mesma, pois a loucura era familiar e ampla para o mundo. Porém, o personagem, visto pela época clássica, teria vergonha de si mesmo e das outras pessoas, pois internalizou ser o não-louco como uma doença, um erro. O que nos leva a pensar que nessa experiência clássica da loucura, que o espaço geral desse saber não seria da identidade da desrazão com as suas diferenças ou de um saber até universal sobre da loucura, mas somente da razão os “Mesmos”. A linguagem de comentários passará a ser a linguagem da crítica.

Aparentemente, parece tratar-se de um paradoxo entender via mundo da razão essa empiricidade do pensamento com a possibilidade de se refletir sobre o saber da loucura, pela identidade do que seria o louco, mesmo tendo as diferenças possíveis entre razão e não-razão. O que Foucault (2000) nos apresenta do pensamento dessa época, que consideramos interessante na reflexão, é a “identidade da relação”, ou seja, a relação existente entre os elementos que compõem a representação do saber sobre a loucura “[...] a identidade da relação entre os elementos (onde a visibilidade não tem mais papel)” (Foucault, 2000).

Diferente do pensamento do “Mesmo” via literatura no Renascimento - que dava a esse “Outro” com sua loucura um lugar na desrazão, onde ele podia ser si mesmo na sua loucura - na idade contemporânea as possibilidades de reflexão sobre a loucura se transformam em formas “depositadas e fixadas” de “analogias em analogias”: “A História dá lugar às organizações analógicas, assim como a Ordem abria o caminho das identidades e das diferenças sucessivas” (Foucault, 2000).

Enfim, o que nos chama atenção nessa experiência trágica da loucura no renascimento é que ela ficou livre e não foi excluída como em outras épocas, por isso acreditamos que o personagem Dom Quixote seria o que melhor representaria essa experiência. Para que a história da razão surja à linguagem da estrutura trágica da loucura se divide entre razão e não-razão, loucura e não-loucura. No entanto, não existe vitória e nem direito a essa vitória nesse diálogo entre ambas.

Ao suspender o “direito de vitória” que a razão se atribui, a loucura não inicia o jogo como negativo em relação ao positivo, mas como ameaça à pretensão de positividade. Com isso se deflagra o movimento, camuflado pela instituição da razão como natural lugar da verdade, que da negatividade loucura funda de um suposto “direito” a positividade daquilo que seria o seu contrário (Ribas, 2011).

Finalizando de acordo com Candiotto (2007) confirma que o estudo arqueológico de Foucault na “*História da loucura*” não é pensar que a razão teve uma vitória sobre a não-razão. A cultura ofereceu de acordo com as necessidades históricas um diálogo possível da loucura, portanto não é uma ontologia, nem um conhecimento sobre a loucura. É uma história com foi possível de uma experiência da loucura como uma verdade em cada época.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Boas CTV (2002). Para ler Michel Foucault. Belém: Imprensa Universitária da Ufop. 110p.

Candiotto C (2008a). Subjetividade e verdade no último Foucault. Trans/Form/Ação, 31(1): 87-103.

- Candiotta C (2008b). Verdade e diferença o pensamento de Michel Foucault. *Trans/Form/Ação*, 31(1).
- Candiotta C (2013). Foucault e a crítica da verdade. Belo Horizonte: Autentica; Curitiba: Champgna. 174p.
- Cervantes de Saavedra M (2003). Dom Quixote de a Mancha. Tradução de Visendes de Carvalho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural.
- Dreyfus H, Rabinow P (1995). Michel Foucault uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária. 328p.
- Foucault M (1961/1972). História da loucura na idade clássica. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1978. *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris, Galimard. 688p.
- Foucault M (1966). As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. Tradução: Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*. Paris, Gallimard. 422p.
- Foucault M (1969). A arqueologia do saber. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. *L'Archéologie du Savoir*. Paris, Gallimard. 125p.
- Haddock-Lobo R (2008). História da loucura de Michel Foucault como uma “história do outro”. *Veritas*, Porto Alegre, 53(2).
- Machado R (2005). Foucault a filosofia e a literatura. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 182p.
- Machado R (2006). Foucault a ciência do saber. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 319p.
- Macherey P (1985). Nas origens da história da loucura: uma retificação e seus limites. In: RIBEIRO, Renato Jaime (Org.). *Recordar Foucault os textos do colóquio Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 47-71.
- Modenesi JC (2003). O Dom Quixote de Foucault. Rio de Janeiro: Papers Serviços Editoriais Ltda. 147p.
- Modenesi JC (2007). Dom Quixote de La Mancha, personagem conceitual de Michel Foucault. In: Queiroz A, Cruz NV (Orgs.) *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7 Letras, 19-25.
- Muchail ST (2004) *Foucault simplesmente: textos reunidos*. São Paulo: Loyola.
- Queiroz A; Cruz NV (2007). *Foucault hoje?* Rio de Janeiro: 7 Letras. 185p.
- Ribas TF (2011). Arqueologia, verdade e loucura: considerações sobre o pensamento de Foucault entre 1952-1962. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 105p.
- Roudinesco E et al. (1994). *Foucault: leituras da história da loucura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 107p.
- Von Zuben MC (2010). *Entre história e liberdade: a ontologia do presente em Michel Foucault*. Tese (Doutorado em Filosofia) – UNICAMP, Campinas, SP. 198p.

## Problematizações sobre o corpo político em narrativas literárias que tematizam a ditadura militar brasileira

Recebido em: 23/08/2021

Aceito em: 24/08/2021

 10.46420/9786588319956cap20

Janaína Buchweitz e Silva<sup>1\*</sup> 

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca problematizar a dimensão política da vida partindo de reflexões de Agamben (2010) e Mbembe (2019) que são direcionadas a dois textos literários recentemente produzidos e que tematizam o período da ditadura militar brasileira: *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia*, de Liniane Haag Brum, publicado em 2012, e *Cova 312*, de Daniela Arbex, publicado em 2015. Em ambas as produções literárias, questões como a politização da vida e o aniquilamento do corpo figuram em destaque, tendo em vista que as autoras narram situações de presos e perseguidos políticos do regime ditatorial brasileiro que foram banidos da sociedade pelo Estado, lhes sendo negado inclusive o direito ao sepultamento digno, o que ocasionou, dentre outros, em um comprometimento do trabalho de resolução do luto das suas famílias.

Em um dos períodos mais violentos da história recente do país, a memória que se produziu se desenvolveu na ordem do trauma, tendo sido ocasionada por sequestros, torturas, assassinatos e desaparecimentos que permanecem impunes até os dias de hoje, deixando uma triste e irreparável marca para as famílias dos envolvidos, e conseqüentemente para a história do Brasil. Muitas experiências não puderam ser simbolizadas pela palavra, seja porque nenhuma palavra alcança a dimensão do que foi experienciado, seja porque muitos militantes políticos foram sequestrados ou mortos e por isso não puderam narrar suas histórias. Assim, as narrativas selecionadas atuam como uma forma de reparo, posto que as autoras apresentam novas versões sobre o destino desses presos e desaparecidos que não tiveram a oportunidade de narrar suas experiências, contribuindo com uma nova versão das suas histórias pessoais, que compõem também parte da história do país.

### MATERIAL E MÉTODOS

Em *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia*, Liniane Brum narra a história de seu tio Cilon Brum, um militante político que participou da Guerrilha do Araguaia e que foi executado pelos militares, tendo seu corpo insepulto, denunciando mais uma situação de privação de direitos que ocorreu durante

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras, Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Pelotas.

\* Autora correspondente: janaesilva@yahoo.com.br

ÍNDICE REMISSIVO

**A**

Agricultura, 107, 110  
 Ansiedade, 84, 86, 87, 92  
 aprendizagem, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255  
 Assistência Farmacêutica, 257, 260, 261, 262, 263  
 Atenção Farmacêutica, 258, 260, 263  
 Atenção Primária à Saúde, 132, 136, 142  
 Atividade física, 92

**B**

Bacias hidrográficas, 161, 171  
 Beta lactâmicos, 210  
 Biomateriais, 110  
 biopolítica, 225, 227, 232  
 Bivalve exótico, 170

**C**

competição, 160, 166, 171  
 coronavírus, 61  
*Corbicula fluminea*, 156, 157, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 170  
 COVID-19, 52, 57, 60, 61

**D**

*Deepwater Horizon*, 37, 38, 43, 45  
 Depressão, 84, 86, 87, 92  
 Diretrizes curriculares, 33  
 ditadura, 223, 224, 226, 229, 230, 231  
 Dom Quixote, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 263  
*Downstream*, 45

**E**

Educação, 33  
 Educação superior, 33  
 Eficiência Energética, 130  
 elementos finitos, 46, 47, 51  
 Energias Renováveis, 130  
 Ensino, 250, 254, 255  
 Envelhecimento acelerado, 125  
 estado de exceção, 224, 225, 227, 229, 231, 232  
 Estresse, 125

**F**

finite elements, 173, 182, 183

**H**

Hidrogel, 95, 104, 106, 107, 110  
 Homeopatia, 112, 115, 117, 118, 122, 123, 124, 125  
 homo sacer, 225, 226, 227, 228, 231, 232  
 Hortaliças, 125

**I**

Impactos ambientais, 81  
 interação, 247, 250, 251, 252, 253, 255  
 invasão, 157, 159, 161, 165, 169, 171  
 irrigação, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28

**L**

Líquido Iônico, 130

**M**

magnetismo, 24, 28  
 manipulador flexível, 51  
 manipulador paralelo, 46, 51  
 Mecanismo bactéria, 210  
 Mercúrio, 80, 81  
 Michel Foucault Loucura, 221  
*Midstream*, 44  
 milho, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28  
 Mineração, 75, 81  
 modelo multicorpos, 49, 50, 51  
 modelo variável, 51  
 multibody model, 173, 182, 183

**N**

Nanomateriais, 126, 130  
 Nanopartículas de ouro, 130

**O**

on-line, 247, 252, 253, 255  
 Origem étnica e saúde, 92

**P**

pandemia, 52, 53, 54, 57, 58, 59, 60, 61

parallel manipulator, 172, 173, 182, 183  
Pesquisa científica, 74  
PGRA, 44, 45  
poder soberano, 225, 227, 228, 230, 231, 232  
Polímero Hidroretentor, 110  
Políticas neoliberais, 33  
Poluição atmosférica, 81  
potássio, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 28  
Práticas Integrativas e Complementares, 131,  
132, 134, 141, 142  
Produção científica, 74  
produtividade, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 28  
produtivismo, 30, 31, 33  
Programa de Melhoria do Acesso e da  
Qualidade da Atenção Básica, 132, 142  
Publicação acadêmica, 74

## R

reduced model, 181, 182, 183  
Resistência bacteriana, 198, 202, 209, 210  
Rio Madeira, 78, 79, 80, 81

## S

Secretariado Executivo, 62, 63, 64, 65, 66, 67,  
68, 69, 70, 71, 72, 73, 74  
Sementes, 117, 124, 125  
Sistema Único de Saúde, 131, 141, 142  
socialização, 247, 253, 255  
Superabsorventes, 110

## T

tecnologia, 54, 55, 56, 57, 60, 61  
Terapia Antirretroviral, 256, 258, 263  
Transtornos de adaptação, 92

## U

Universidade Federal de Roraima, 62, 63, 69,  
70, 73, 74  
*Upstream*, 44  
Uso racional, 263

## V

variable dynamics, 173, 182, 183  
Vírus da Imunodeficiência Humana, 256, 263

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**



  **Bruno Rodrigues de Oliveira**

Graduado em Matemática pela UEMS/Cassilândia (2008). Mestrado (2015) e Doutorado (2020) em Engenharia Elétrica pela UNESP/Ilha Solteira. Pós-doutorando na UFMS/Chapadão do Sul-MS. É editor na Pantanal Editora e professor de Matemática no Colégio Maper. Tem experiência nos temas: Matemática, Processamento de Sinais via Transformada Wavelet, Análise Hierárquica de Processos, Teoria de Aprendizagem de Máquina e Inteligência

Artificial. Contato: bruno@editorapantanal.com.br



  **Alan Mario Zuffo**

Engenheiro Agrônomo, graduado em Agronomia (2010) na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mestre (2013) em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Doutor (2016) em Agronomia - Fitotecnia (Produção Vegetal) na Universidade Federal de Lavras (UFLA). Pós - Doutorado (2018) em Agronomia na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Atualmente, possui 150 artigos

publicados/aceitos em revistas nacionais e internacionais, 124 resumos simples/expandidos, 52 organizações de e-books, 32 capítulos de e-books. É editor chefe da Pantanal editora e revisor de 18 revistas nacionais e internacionais. Contato: alan\_zuffo@hotmail.com.



  **Jorge González Aguilera**

Engenheiro Agrônomo, graduado em Agronomia (1996) na Universidad de Granma (UG), Bayamo, Cuba. Especialista em Biotecnologia (2002) pela Universidad de Oriente (UO), Santiago de Cuba, Cuba. Mestre (2007) em Fitotecnia na Universidade Federal do Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil. Doutor (2011) em Genética e Melhoramento de Plantas na Universidade Federal do Viçosa (UFV), Minas Gerais, Brasil. Pós - Doutorado (2016) em Genética e Melhoramento de Plantas na EMBRAPA Trigo, Rio Grande do

Sul, Brasil. Professor Visitante na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) no campus Chapadão do Sul (CPCS), MS, Brasil. Atualmente, possui 64 artigos publicados/aceitos em revistas nacionais e internacionais, 29 resumos simples/expandidos, 41 organizações de e-books, 29 capítulos de e-books. É editor da Pantanal Editora e da Revista Agrária Acadêmica, e revisor de 19 revistas nacionais e internacionais. Contato: j51173@yahoo.com, jorge.aguilera@ufms.br.

**ID ARIS VERDECIA PEÑA**



Médica, graduada em Medicina (1993) pela Universidad de Ciencias Médica de Santiago de Cuba. Especialista em Medicina General Integral (1998) pela Universidad de Ciencias Médica de Santiago de Cuba. Especializada em Medicina en Situaciones de Desastre (2005) pela Escola Latinoamericana de Medicina em Habana. Diplomada em Oftalmología Clínica (2005) pela Universidad de Ciencias Médica de Habana. Mestrado em Medicina Natural e Bioenergética (2010), Universidad de Ciencias Médicas de Santiago de Cuba, Cuba. Especializada em Medicina Familiar (2016) pela Universidade de Minas Gerais, Brasil. Profesora e Instructora da Universidad de Ciencias Médicas de Santiago de Cuba (2018). Ministra Cursos de pós-graduação: curso Básico Modalidades de Medicina Tradicional em urgências e condições de desastres. Participou em 2020 na Oficina para Enfrentamento da Covi-19. Atualmente, possui 11 artigos publicados, e seis organizações de e-books.

**ID ROSALINA EUFRAUSINO LUSTOSA ZUFFO**



Pedagoga, graduada em Pedagogia (2020) na Faculdades Integradas de Cassilândia (FIC). Estudante de Especialização em Alfabetização e Letramento na Universidade Cathedral (UniCathedral). É editora Técnico-Científico da Pantanal Editora.



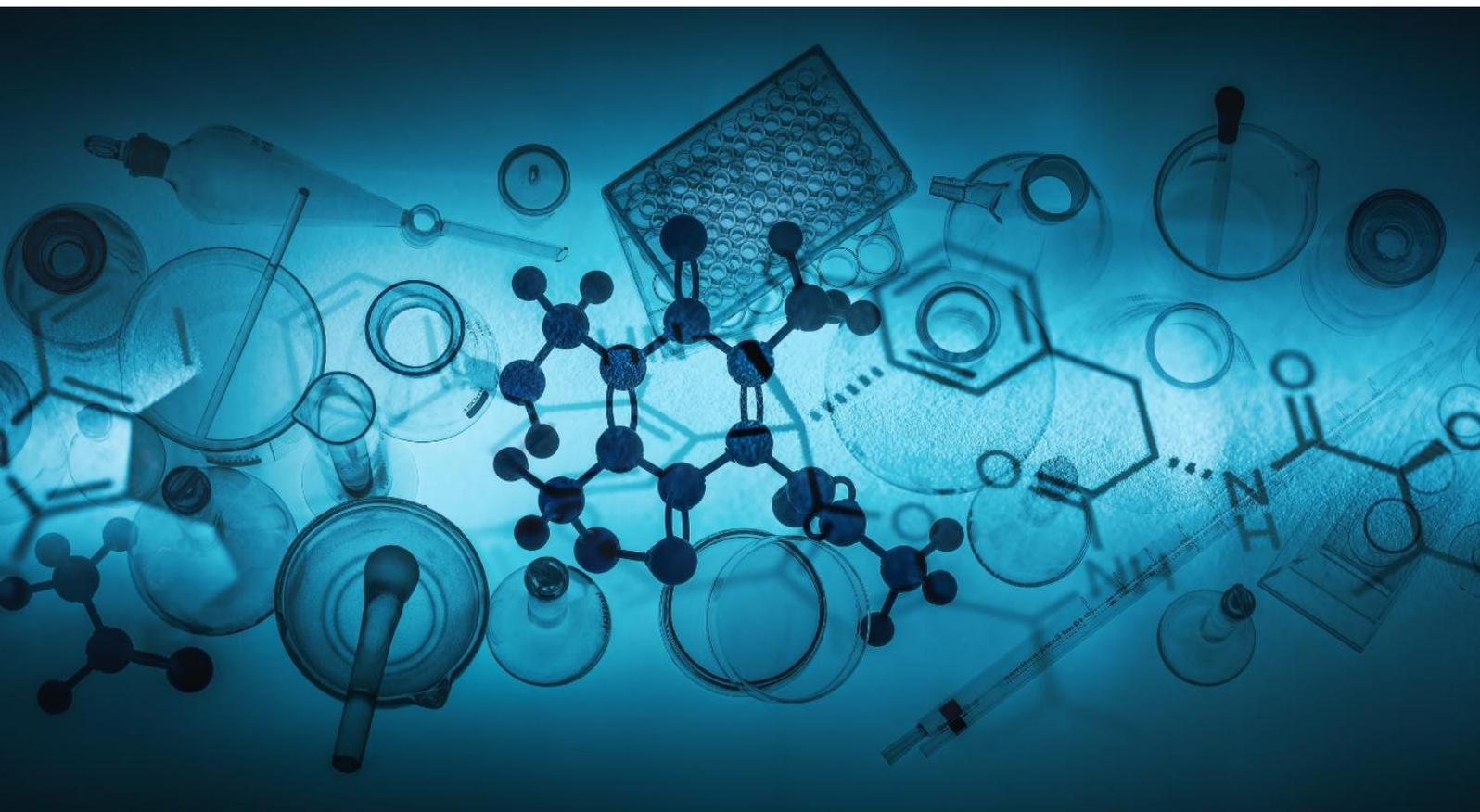
ISBN 978-658831995-6



9

786588

319956



**Pantanal Editora**

Rua Abaete, 83, Sala B, Centro. CEP: 78690-000

Nova Xavantina – Mato Grosso – Brasil

Telefone (66) 99682-4165 (Whatsapp)

<https://www.editorapantanal.com.br>

[contato@editorapantanal.com.br](mailto:contato@editorapantanal.com.br)